Rocha Lima (Desfazendo Equívocos)

Geraldo Nobre

É deveras injustificável a persistência do equívoco a respeito dos pais daquele em quem Capistrano de Abreu, prefaciando **Crítica e Literatura**, apontou como "... a mais fulgurante estrela do Ceará...", pois o difundiram contemporâneos do próprio Raimundo Antônio da Rocha Lima, notadamente o doutor Guilherme Studart (Barão de Studart), segundo se verificará em consulta ao **Dicionário Bio-Bibliográfico Cearense**, volumes segundo e terceiro, verbetes alusivos a Miguel Antônio da Rocha Lima e ao genial crítico literário e filósofo, aqui em referência, respectivamente.

Com o renome de historiador consciencioso, fundamentado sempre em pesquisas de fontes originais, o Barão de Studart incorreu em um equívoco deveras injustificável, não tanto pela metodologia adotada na elaboração dos seus trabalhos como por contemporâneo de Rocha Lima, aliás nascido um ano depois dele quase exatamente, na mesma cidade da Fortaleza, conquanto ausente na Bahia, a freqüentar a Faculdade de Medicina, de 1872 a 1877, período no qual fulgurou a inteligência do jovem comprovinciano, falecido no ano seguinte.

Esta última circunstância tem um aspecto interessante na relação dos dois jovens, pois, de regresso ao Ceará, o doutor Guilherme Studart foi mandado pelo Governo Provincial para prestar assistência aos flagelados da seca em parte concentrados em Maranguape, município onde, precisamente, se verificou o falecimento de Rocha Lima, na primeira hora do dia 28 de julho de 1878.

Tanto maior é a estranheza diante do equívoco do renomado historiador por não haver recorrido a informações de pessoas da família do biografado, notório o empenho de anotar, para o **Dicionário** citado, dados os mais completos, principalmente com relação a cearenses de maior expressão histórica, ou cultural, estando neste caso Rocha Lima, inteligência exponencial da **época de ouro** do pensamento e da ação desenvolvidos pela mocidade do Ceará, no decênio de 1871-1880.

Afirmou Studart ter sido Raimundo Antônio da Rocha Lima filho de Miguel Antônio da Rocha Lima (Júnior) e de d. Maria Bezerra, "... de orígem pernambucana...", errando quanto aos nomes de ambos, até mesmo o da inconsolável viúva e mãe, a quem conhecera por muitos anos, sobrevivendo à perda de seus entes mais queridos, inverídica, como é, a informação de haver o autor de **Crítica e Literatura** perdido, na infância, mãe e irmã única, em relação à primeira dessas. (1)

Anteriormente ao **Dicionário** do Barão de Studart, ao prefaciar a publicação, em livro, dos escritos de Rocha Lima, a quem estava ligado por laços de grande estima e admiração recíproca, João Capistrano de Abreu limitara-se a mencionar o fato de ser o amigo filho póstumo e dever a existência a ter a mãe expectante resistido, por sua constituição forte, de senhora ainda jovem, ao impacto emocional da perda repentina e prematura do esposo, com omissão dos nomes respectivos, procedimento adotado por aquele respeitável historiador, atento sobretudo aos fatos, como se os homens fossem tão somente artistas representando no palco da sociedade à mercê de causas e efeitos circunstanciais. (2)

A misantropia precoce do insigne historiador não justifica, porém, a do dicionarista competente, em cujo rastro outros persistiram no equívoco, embora um discordasse, referindo-se a d. Maria Bezerra, para esse tia de Rocha Lima, ao invés de mãe, como afirmara o doutor Studart de passagem, deixando-se trair pela pressa, inimiga da perfeição e da verdade.

Para explicação dos equívocos já assinalados, é imprescindível atentar para as condições do nascimento e da curta existência do talentoso jovem cearense, ídolo de sua geração (pois lhe pretenderam erigir um monumento logo após o seu falecimento), a começar da falta de um documento esclarecedor do dia natalício e dos nomes dos pais, a qual atribui-se aqui à possibilidade do batismo haver ocorrido no oratório particular em residência dos avós maternos do recém-nascido, tal como o casamento daqueles, segundo adiante se mencionará. (3)

Quanto às condições da curta existência de Rocha Lima, um primeiro motivo consiste no acolhimento da mãe e da criança órfã de pai precisamente na casa dos avós maternos, onde moraram enquanto viveram, na então rua da Misericórdia (atual Castro e Silva), defronte ao Passeio Público, circunstância deveras significativa na formação e atuação do jovem pensador e crítico.

De maior importância, contudo, foi a catástrofe climática do triênio 1877-1879, pelos efeitos inevitáveis na vida social, rompendo a regularidade no funcionamento das instituições e dos serviços e postergando, para um plano secundário, preocupações menos urgentes, causa, por exemplo, do laconismo da imprensa de Fortaleza com referência ao próprio falecimento daquele considerado tão justamente uma das mais promissoras revelações do jornalismo e cultura do seu tempo.

Era comum, em circunstâncias normais, a publicação de extensos necrológicos, com informações biográficas tanto quanto possível completas, porém o de Rocha Lima, da autoria de Pedro de Queiroz,

no **Cearense** de 12 de setembro de 1878, pouco acrescentou aos dados contidos em notícias anteriores, apressadas e sucintas, evidentemente em sintonia com o interesse maior do público ledor, na ocasião, a respeito do intenso drama vivido coletivamente pela população, sob os efeitos da seca em curso impiedoso e sinistro.

O mesmo **Cearense**, órgão liberal, noticiara o falecimento de Rocha Lima cinco dias decorridos do fato (edição de 1º de agosto de 1878), relacionando como tios do extinto o capitão Manuel Bezerra de Albuquerque Júnior, Antônio Afonso de Albuquerque e Antônio dos Santos Braga Júnior, todos pela via materna, a comprovar o distanciamento dos parentes do lado paterno, em decorrência, certamente, da orfandade, anterior ao próprio nascimento, e, ao mesmo tempo, o prestígio ascendente daquela outra família em contraste com a citada por último, outrora bem mais importante, pois o advogado Miguel Antônio da Rocha Lima chegara a ocupar temporariamente a presidência da Província e exercera outros cargos da alta administração e da justiça. (4)

Os tios de Rocha Lima pela via materna eram filhos (e genro) de Manuel Bezerra de Albuquerque, cujo pai, Francisco Félix Bezerra de Albuquerque, originário de Pernambuco, tivera as funções de comandante do distrito da Vila Velha (Barra do Ceará) por vários anos, e, do seu casamento com Ana Clara de Jesus procriara outros, além do dito, da parte de quem foram netos dele José Varonil Bezerra de Albuquerque (falecido anos antes de Rocha Lima, em 28 de janeiro de 1871, sobrevivendo-lhe a mulher, d. Jesuína Cavalcanti Torres de Albuquerque, até 14 de novembro de 1878, filha do major Luís Xavier Torres, de família cuja influência no Ceará vinha do início do século XIX, com o sargento-mor de 1ª linha Francisco Xavier Torres); a professora Francisca Xavier de Albuquerque, casada com Luís Xavier da Silva Castro, funcionário da Fazenda Provincial; e, mais, d. Maria Amália de Albuquerque, esta a mãe de Rocha Lima, cujo nome verdadeiro é o dela, e não o registrado pelo dr. Guilherme Studart e por seus seguidores.

O casamento de d. Maria Amália realizou-se na capital da Província em 10 de julho de 1852, no oratório particular dos pais dela (como já foi mencionado nestas informações) e, o registro respectivo no livro competente da freguesia da Cidade de Fortaleza, ora conservado na Cúria da Catedral da Arquidiocese, é prova indispensável para a retificação do nome do pai de Rocha Lima, dele constando chamar-se o dito Raimundo Antônio da Rocha Lima, tal qual o filho, e, não, como se tem publicado, Miguel Antônio da Rocha Lima, equívoco devido, provavelmente, ao tratamento dado a ambos, pelo apelido

familiar, antecedido pela patente da Guarda Nacional (major Rocha Lima).

O assentamento do batismo, em 18 de dezembro de 1853, da filha Francisca, nascida em 26 de abril antecedente, dez meses após a cerimônia nupcial, reforça o conhecimento da verdade, dele constando terem sido padrinhos da cristã neófita os avós maternos Manuel Bezerra de Albuquerque e d. Antônio Felismina de Albuquerque, esta da família Gondim, de Canindé, segundo o dr. Guilherme Studart, **Dicionário** citado, vol. segundo, verbete Manuel Bezerra de Albuquerque (Major), alusivo ao filho homônimo do cabeça desse casal.

Rocha Lima encarnava, por conseguinte, a terceira geração de cearenses originários, por parte do bisavô materno, de pernambucanos, desconhecendo-se qualquer indício de relacionamento com parentes distantes daquela Província, fato deveras significativo tanto mais pela numerosa descendência, em todo o Nordeste, quer da família Cavalcanti de Albuquerque e seus múltiplos cruzamentos, quer da Bezerra de Menezes e afins ou colaterais.

Manuel Bezerra de Albuquerque (Sênior) já era falecido havia alguns anos quando Rocha Lima também findou os seus dias, vividos na juventude sob os cuidados de três senhoras viúvas: d. Maria Amália, a mãe; d. Francisca Xavier de Albuquerque, a tia e preceptora; e d. Antônio Felismina, a avó, circunstância da qual resultaria a confidência feita a Capistrano de Abreu, de sentir a falta da irmã (Francisca), tão cedo roubada ao convívio da família pela morte impiedosa; pois, se ela existisse, as outras mulheres à sua volta teriam com quem partilhar as demonstrações de afeto. (5)

Lamentaria Rocha Lima igualmente o não ter conhecido os avós paternos, já falecidos em 1852, quando da celebração do casamento de seus pais, como consta do assento respectivo, pois o licenciado Miguel Antônio fechara os olhos para sempre em 7 de outubro de 1849, menos de três anos antes, e a esposa, d. Ana Isabel de Vasconcelos, já não existia a esse tempo, embora lembrada pelos coevos, a quem impressionaram atitudes enérgicas, ou desabridas, dela, em confronto até mesmo com o Presidente da Província.

De suas três companhias femininas, perdeu Rocha Lima, em pouco tempo, a da avó e a da tia, aquela em 9 de maio de 1876, ainda relativamente jovem, com 66 anos de idade, e, em 6 de abril do ano seguinte, a segunda, quando ele se encontrava na Corte havia cerca de um mês, e, informado do estado de saúde em perigo de morte, de d. Francisca Xavier de Albuquerque, apressou-se em regressar, vindo encontrá-la já sepulta, causa de um abalo emocional e do seu próprio falecimento, visto não se haver refeito de modo a evitar a marcha

inexorável da debilidade orgânica, de nascença.

Restava-lhe a mãe, porém sentia a angústia de perdê-la também, ou dele próprio extinguir-se, deixando-a desconsolada, e abandonada, situação agravada quando a crise climática se apresentou, a ver o sofrimento de tantos conterrâneos e o obstáculo ao projeto por ele alimentado, para impulsionar os estudos no Ceará, por intermédio do Gabinete Cearense de Leitura e do então criado Instituto Histórico e Geográfico Cearense, de efêmera existência, à falta de seu entusiasmo catalizador.

O tio Manuel Bezerra de Albuquerque, oficial da 1ª linha, com notáveis serviços e atos de bravura na guerra contra o ditador paraguaio Solano Lopez, tendo obtido a reforma somente em 1883, quando Rocha Lima já não vivia, teve pouco contato com ele, causa de não se dedicar mais aos cuidados com o sobrinho e de preservar-lhe a memória, através de seus descendentes, os quais, com o curso do tempo e das gerações, demonstram ignorar até mesmo o parentesco, aliás cada vez mais remoto, com "...a mais fulgurante estrela do Ceará...".

Possivelmente, o Barão de Studart deles procurou informações fidedignas, sem nenhum êxito, assim permanecendo os equívocos, como o da verdadeira paternidade de Rocha Lima, e mistérios, como o da data do nascimento deste, desculpando-se, por conseguinte, a falibilidade atual de quantos buscam informações mais completas e precisas, diante da grandeza do moço falecido aos vinte e três anos de idade, já consagrado por sua inteligência, a servir de exemplo às novas gerações de cearenses, na dedicação à ciência e todos os mais valores representativos da dignidade do ser humano.

Mesmo pesquisadores devotados à história cultural do Ceará, como os falecidos Dolor Barreira e Otacílio Colares, nada acrescentaram, infelizmente, a uma biografia, da qual já houve quem afirmasse a impossibilidade de ser escrita, como se as falhas notadas de princípio fossem lacunas impreenchíveis.

Notas

(1) Os pais de Rocha Lima estiveram casados pouco mais de dois anos, período em que lhe nasceram os filhos, primeiramente Francisca (possivelmente em homenagem à tia materna desse nome), e, por último, Raimundo Antônio, já falecido o pai.

(2) Ao casar-se, o pai de Rocha Lima contava trinta e três anos de idade, casamento deveras tardio para os costumes da época. Talvez padecesse da fraqueza orgânica, transmitida ao filho, descrito pelos contemporâneos como franzino e enfermiço. A filha, primo-

gênita, morreu em tenra idade, e essa perda parece ter traumatizado tanto a mãe como o irmão. A única poesia desse, publicada na imprensa, parece evocar o sentimento de pesar jamais vencido, conforme em outra ocasião será comentado.

(3) Admite-se ter sido o celebrante do batismo de Raimundo Antônio (filho), o tio paterno, reverendo Luís Antônio da Rocha Lima, ordenado aos 22 anos de idade, pelo Bispo de Olinda (1837), e feito o registro respectivo em livro da freguesia de São Bento da Amontada, onde exerceu o ministério até falecer, em 1872.

(4) Convém adiantar haver nascido o avô paterno de Rocha Lima no termo da então vila de Monte-Mor-o-Novo-da-América, da serra do Baturité, em 29 de setembro de 1781, como consta do respectivo assento de batismo, feito no dia 7 de outubro seguinte. Esta data coincide, aliás, com a do seu falecimento, em Fortaleza, em 1849, antes de completado o sexto decênio de vida.

(5) Além da mãe, d. Maria Amália, sobreviveram a Rocha Lima as tias d. Isabel e d. Luísa, casadas, respectivamente, com Antônio dos Santos Braga Júnior e Manuel Bezerra de Albuquerque Júnior, sendo o parentesco da segunda por afinidade. O entrelaçamento das duas famílias vinha de longe, aliás, pois a filha do licenciado Miguel Antônio, de nome Luísa Umbelina de Vasconcelos (não mencionada na descendência do avô paterno de Rocha Lima dada a público por conhecido pesquisador da atualidade), se uniu, pelo casamento, a João Bezerra de Albuquerque, bisavô materno do autor de **Crítica e Literatura**. Antônio dos Santos Braga Júnior faleceu antes da esposa, em 23 de janeiro de 1895, em Fortaleza, e, d. Luísa precedeu ao marido, no túmulo, tendo findado os seus dias em 2 de julho de 1885, também na capital cearense.

Bibliografia comentada

AZEVEDO, Sânzio de – **Literatura Cearense** – publicação da Academia Cearense de Letras – Fortaleza, 1976.

BARREIRA, Dolor – **História da Literatura Cearense** – Editora "Instituto do Ceará" Limitada – Fortaleza, 1948 – 4 volumes.

– Republicada em 1991, sem anotações.

LEAL, Vinicius Barros – **História de Baturité (Época Colonial)** – Publicação da Secretaria de Cultura e Desporto do Governo do Estado do Ceará – Fortaleza, 1981.

LIMA, Raimundo Antônio da Rocha – **Crítica e Literatura** – Imprensa Universitária do Ceará – Fortaleza, 1968.

- 3ª edição, reproduzindo:
- ABREU, João Capistrano de – prefácio (às edições anteriores), e, acrescentando:
- MENEZES, Djacir – **Rocha Lima e a Ideologia Cearense de 1870.**

STUDART, Guilherme, Barão de – **Dicionário Bio-Bibliográfico Cearense** – Tipografia Minerva, de Assis Bezerra – Fortaleza, 1915.

- Republicado em fac-símile, sem alterações.
- Verbetes de Miguel Antônio da Rocha Lima e Manuel Bezerra de Albuquerque Júnior (volume 2º) e Raimundo Antônio da Rocha Lima (volume 3º).

Fontes consultadas:

- Livros paroquiais de Fortaleza e de Baturité – Cúria Arquidiocesana de Fortaleza.
- Coleções de jornais dos decênios 1861-1870 e 1871-1880 – **Cearense, Pedro II, A Constituição** etc. – Biblioteca Pública do Estado.
- Inventários e arrolamentos de Baturité – Arquivo Público do Estado.